

**SAÚDE MENTAL E EDUCAÇÃO: A ESCOLA COMO CENÁRIO DE
POSSIBILIDADES DE DESENVOLVIMENTO DOCENTE.**

**MENTAL HEALTH AND EDUCATION: SCHOOL AS SCENE OF TEACHERS
DEVELOPMENT POSSIBILITIES**

Ana Ignez Belém Lima Nunes¹

Erika Silva Rocha²

Resumo

O artigo discute o tema da saúde mental docente, apresentado pesquisa sobre como se sentem os professores na prática profissional. A investigação, financiada pelo CNPq, foi realizada pelo Laboratório de Estudos da Subjetividade e da Saúde Mental, da Universidade Estadual do Ceará. A partir do paradigma da teoria crítica, adotamos a metodologia de estudo de caso. Participaram da pesquisa 26 professores de uma escola pública estadual. Os professores embora satisfeitos com o seu trabalho e com a gestão escolar, não se sentem assistidos pelas políticas educacionais. Eles manifestam baixa qualidade de vida e problemas de saúde, relacionados ao estresse profissional.

Palavras- chave: docência, saúde mental, escola, política educacional.

Abstract

The article discusses the topic of teaching mental health, presented research on how teachers feel professional practice. The investigation, supported by CNPq, was conducted by the Laboratory for the Study of Subjectivity and Mental Health, State University of Ceará. From the paradigm of critical theory, we adopt the methodology of case study. 26 teachers participated in the survey from a state school. Although teachers satisfied with their work and with school management not feel assisted by current educational policies and present low quality of life and health problems related to stress in the profession.

KeyWords: teaching, mental health, school, educational policy.

¹ Doutora em Ciências de la Educación pelo Universidad de Santiago de Compostela, Espanha. Professora da Universidade Estadual do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Educação, Campus do Itaperi, Centro de Educação, 60.714.903, Fortaleza-Ceará, Brasil. Telefone: (85)8853-8106 E-mail: anaignezbelem@gmail.com.

² Bolsista do Programa de Iniciação Científica (PIBIC- CNPq) no curso de graduação em Psicologia da Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Campus do Itaperi, 60.714.903, Fortaleza-Ceará, Brasil. Telefone: (85)8754-7924. Email: erikas.rocha@yahoo.com.

Introdução

A escola, como *lócus* de conhecimentos científicos, apresenta-se com uma multiplicidade de fenômenos, os quais não se encontram conectados somente pelas questões da aprendizagem. Ela configura-se como um local de trocas intersubjetivas, onde o sujeito é colocado cada vez mais cedo e convocado a se adequar em um regime disciplinar, sob a pena de ficar a margem como aluno problema. (FACCI, 2004). Também os professores estão imersos nesse sistema e vivem suas contradições e dilemas, para além da didática e do domínio de conteúdos. Por conseguinte, também são aprendizes em processo de permanente subjetivação.

Para Vigotski (1998), o ato de aprender, é intrinsecamente relacionado à própria evolução da espécie e às relações que o ser humano trava ativamente com seu meio cultural. Portanto, a aprendizagem é promotora do desenvolvimento humano. Pode-se pensar a escola como uma das primeiras redes sociais do sujeito, configurando-se também como um importante fator na constituição da sua saúde mental. Nesse cenário, o professor lida, cotidianamente, com diferentes subjetividades, com demandas da política educacional, da cultura institucional, da cultura acadêmica, da família, do próprio aluno e com as suas próprias interrogações, necessidades e desejos.

Considerando as ideias supracitadas o presente artigo discute alguns resultados da pesquisa que teve como foco pensar a relação entre Saúde e Educação, a partir da visão dos professores acerca de docência e de como se sentem no cotidiano da profissão. Esta investigação, apoiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico- CNPq, foi desenvolvida pelo Laboratório de Estudos da Subjetividade e da Saúde Mental – LADES do curso de psicologia da UECE. Foram discutidas e elaboradas propostas com o intuito de proporcionar uma melhoria do ensino e qualidade de vida dos sujeitos que integram o contexto escolar. A pesquisa contou com a colaboração de alunos de graduação, mestrado e doutorado. o que constituiu um inefável ganho para a elaboração de práticas e de reflexões, além de ter fortalecido as discussões da temática no âmbito acadêmico.

Segundo Cipriano (2011), os professores explicitam uma demanda de cuidados, pois se sentem desamparados e desvalorizados, diante das condições de trabalho e da

representação que a sociedade tem sobre eles. Por isso, é cada vez maior o número de professores a serem afastados do trabalho devido à chamada síndrome de *burnout*, que tem como sintomas estresse, irritabilidade, insônia, fadiga, dores musculares, gastrites, angústia profunda e depressão (CÔDO, 2001).

Para Minayo (1998), o conceito saúde configura-se por uma série de significações culturais socialmente construídas, onde cada sujeito experimenta suas formas de saúde e doença de forma particular. Vale salientar que A Política Nacional de Saúde Mental é fruto de um complexo e longo histórico de lutas e contestação de um sistema que era pautado em uma ótica “hospitalocêntrica” e asilar. Apenas em 2001, com a promulgação da Lei 10.260/01, houve uma problematização da concepção e da estrutura da saúde mental no país. Com esta lei afirmou-se o compromisso com a reorientação do modelo assistencial e a proibição de internações asilares. A ideia era a de que a saúde mental deixasse de ser vinculada a um modelo pautado no isolamento social. Entretanto, reconhecendo os avanços, ainda há muito que se fazer nessa direção.

Segundo Diretrizes do Ministério da Saúde, para implantação do Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas (2006), são essenciais a construção de espaços de diálogo entre alunos, professores, profissionais de saúde e o entorno no qual está inserida. Por conseguinte, a escola é um equipamento da comunidade, devendo ser usada como espaço social e de interlocuções subjetivas e, por isso, promotor de saúde mental. Dessa forma, a saúde mental passou, depois de reformas, a ser contemplada por políticas públicas de promoção de qualidade de vida pautada na inserção em serviços de atenção psicossocial. Rompendo a ideia do manicômio e de instituições fechadas, é importante que se problematize qual o local da escola na discussão desse tema.

É necessário desenvolver de pesquisas que busquem acolher e ouvir os professores. Eles precisam se expressar amplamente, inclusive sobre os eventos estressores no trabalho, a fim de novas práticas educativas sejam repensadas e desenvolvidas no seio da escola. Compreendemos que o professor deve se apropriar dos processos subjetivos envolvidos na infância e na adolescência que se correlacionam com o ensinar e o aprender. A partir disso ele pode desenvolver estratégias recursivas para lidar com os desafios do seu trabalho, inclusive com situações de fracasso escolar.

Percebemos como fundamental, portanto, o desenvolvimento de uma formação profissional que considere a subjetividade docente. Uma formação que se proponha a

refletir e a problematizar a educação vigente. Nunes (2004) informa que apesar da participação em atividades, cursos e formações os professores não conseguiram estabelecer elos entre os saberes tratados e suas histórias de vida, crenças e ideais. Urgem-se formações que se apresentem como percursos de aprendizagem significativa.

A pesquisa, a ser explicitada neste texto, colabora para ampliar estudos e ações correlacionadas à temática da saúde mental na educação. Ainda para Nunes (2014) uma visão geral da produção acadêmica sobre Psicologia da Educação no norte e nordeste, nos últimos vinte anos, mostra que ainda há poucos estudos sobre o tema do sofrimento psíquico na escola.

Ademais, a investigação buscou fortalecer a relação da graduação com a pós-graduação, gerando diálogo, crescimento pessoal e profissional entre participantes. Mais importante, insere-se na defesa de aproximação da universidade com a escola pública.

A seguir, para melhor situar ao leitor, apresentamos os caminhos da investigação que é o pilar desse artigo. Sublinhamos que a perspectiva teórica central aqui adotada foi a da Psicologia Histórico-Cultural cujo expoente maior é o psicólogo russo Lev Semionovich Vigotski.

Os caminhos da investigação: redefinindo trajetórias

A pretender analisar a relação entre a saúde mental e a docência, pudemos ampliar a reflexão sobre como Psicologia pode contribuir com essa relação, especialmente na escola pública.

Para alcançar nosso intento, elegemos como paradigma a teoria crítica, pois compactuamos com a concepção de ser humano como ser constituído em interação dialética com a cultura. Portanto, ao mesmo tempo em que se constitui a partir dela nas relações com o outro, também constitui essa cultura. É um ser ativo, interativo, e em permanente transformação.

A teoria crítica nos permite abordar a problemática investigada, a partir de um olhar mais instigante, percebendo contradições, conflitos, inter-relações entre as informações que a pesquisa evidencia e os aspectos encontrados na literatura sobre o tema. Situa o objeto de pesquisa de forma contextualizada e não o percebe o pesquisador como alguém passivo diante da investigação. A escolha pelo paradigma

crítico também se dá por acreditarmos na dialética relacional do homem, como ser que se transforma junto da realidade. Sendo, portanto fundamental a compreensão da historicidade e da temporalidade dos fenômenos. (SANCHEZ, 2005)

Optamos por um delineamento de pesquisa qualitativa que nos permitiu aprofundar algumas questões para definir o projeto seguinte do LADES, cuja abordagem será quantitativa. Assim, escolhemos o estudo de caso como método, pois nos permite um olhar mais aguçado sobre o objeto em seus diversos aspectos.

O caso se constituiu de uma escola da rede pública estadual. O local foi escolhido por ser uma escola nas imediações da UECE que buscou a parceria da universidade, por ter ensino fundamental e médio, funcionando nos três turnos. Além disso, nos interessava partir para o estudo da saúde mental em uma escola que fugisse as ideias gerais de que o sofrimento psíquico só se dá em contextos de alta vulnerabilidade. A escola escolhida possui ótimas condições de infraestrutura física e de equipamentos, todos os professores tem nível superior e mais da metade uma pós-graduação, tem um núcleo gestor integrado e presente no dia a dia, e também a instituição alcançou uma boa avaliação pelo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB).

Os sujeitos foram todos os 32 professores da escola. Contudo, ao final, só foi possível a participação de 26 deles.

Optamos, inicialmente, por algumas inserções na escola, a fim de observarmos livremente o clima institucional. Nesse processo, tivemos algumas reuniões com o núcleo gestor da escola, constituído por uma diretora geral, dois coordenadores pedagógicos e um assessor financeiro. Depois, fizemos observação com roteiro semiestruturado, no qual definimos alguns itens a serem enfocados, tais como: interação dos professores com seus pares e a gestão; momentos de planejamento e estudos; chegada dos professores na escola; sala de aula, dentre outros.

Nessas observações, constatamos que não seria possível realizar entrevistas semiestruturadas como havíamos previsto no projeto inicial. Os professores estavam sobrecarregados, alguns trabalhando em mais de uma escola, outros trabalhando os três turnos. Não havia disponibilidade de tempo para uma conversa mais longa. A fim de podermos trabalhar com a maioria deles, optamos por um questionário ampliado, em forma de escala tipo *Likert*, no qual eles poderiam se posicionar sobre questões referentes ao trabalho docente, no tempo do qual dispunham.

Interessante refletir sobre a importância do pesquisador está aberto para os imprevistos e as novas possibilidades (BOGDAN e BIKLEN, 1994). Embora o questionário seja um instrumento privilegiado nos estudos quantitativos, rompendo a dicotomia entre abordagens de pesquisa compreendemos que ele poderia ser útil também no estudo de caso, aqui exposto. Certamente, como pesquisadores, estávamos conscientes de seus limites e alcances. Mas, constatamos que os professores ficaram mais a vontade para participarem quando apresentamos o formato do instrumento. A ideia de métodos mistos vem ganhando força nas ciências humanas.

A elaboração do instrumento foi feita a partir de várias leituras sobre o tema da saúde mental na educação e as observações da escola. Inicialmente, definimos categorias temáticas que deveriam constar no questionário. Em seguida, fomos preenchendo com questões abertas em associação livre, depois corrigimos as questões, reduzimos para as que realmente respondiam aos objetivos e, finalmente, colocamos na escala.

O questionário continha cinquenta itens que buscavam analisar as seguintes categorias: satisfação com a docência, saúde, condições de vida, satisfação com a gestão, satisfação com o ambiente escolar, aspectos estressores e satisfação com as políticas públicas em educação. O pré-teste se deu com professores de escola com perfil semelhante.

O passo seguinte foi elaborar o termo de consentimento livre e esclarecido e o termo de consentimento da instituição, seguindo as orientações do comitê de ética da universidade.

O questionário foi aplicado na sala dos professores em diferentes horários, ao longo de três dias. Os dados foram inseridos no *excell* e tabulados de acordo com a sequência numérica da escala tipo Likert (1 a 5). Os resultados serão apresentados no item que se segue.

As informações obtidas foram percebidas pelo paradigma crítico, a luz da Psicologia Histórico-Cultural, que entende o homem de forma contextualizada e como sujeito que se transforma junto com o desenvolvimento de suas ações.

A voz dos docentes: um alerta para a educação

Entendemos que ouvir a voz dos professores em uma investigação facilita a reflexão do professor acerca de si e de seu trabalho. Há elementos que podem servir de facilitadores desse processo, de zonas de desenvolvimento para este professor, conforme propostas por Vigotski (2001). As zonas de desenvolvimento são um espaço entre o interno e o externo. No externo tudo acontece determinado por uma ordem própria e no espaço interno, encontra-se o sujeito e suas questões. Entre o externo e o interno, existem objetos, elementos que mediam a relação do sujeito com o mundo. O participar de uma investigação, pensar sobre um tema, dialogar com seus pares e com a universidade sobre os achados da investigação, pode colaborar nessa direção.

Os professores e o cenário escolar

Ao especificarmos o panorama da escola estamos nos remetendo à discussão sobre aspectos que estão presentes de forma mais explícita no cotidiano de trabalho docente como a gestão, as relações interpessoais e a relação com o entorno. Assim, para analisar a satisfação dos professores em relação à docência foram integrados dez itens no questionário.

Percebemos um bom nível de satisfação dos professores. A maioria, cerca de 20 professores, se coloca como satisfeita com relação à elaboração das tarefas docentes e ao ambiente da escola. Eles também afirmam não sentir vontade de mudar de profissão. Porém, quando indagados se lecionar sempre foi a primeira opção de trabalho, a maioria deles não se posicionou, marcando o item no qual nem concordam e nem discordam. Algumas pesquisas têm mostrado que no Brasil a opção pela docência geralmente se dá por fatores intrínsecos e extrínsecos ao sujeito. Assim, influência familiar, experiências com professores e falta de oportunidade de estudos em outras profissões, são elementos a serem considerados (RABELO, 2010).

Sobre a satisfação com a gestão escolar, foram incluídos, especificamente, seis itens no questionário. A maioria dos professores também está satisfeita com o núcleo gestor da escola. Essa satisfação se expressa em aspectos como: o diálogo é a forma principal de resolver problemas na instituição, a gestão faz elogios ao trabalho docente,

há disposição em ajudar com problemas de sala de aula e, por conseguinte, os professores não se sentem pressionados ao desenvolverem suas atividades. Essa discussão é relevante na medida em que a gestão escolar tem sido apontada como importante fator no desenvolvimento da escola e na motivação dos professores para o trabalho. Gestões democráticas, que primam pela participação dos sujeitos conseguem mobilizar mais a comunidade escolar no enfrentamento dos problemas cotidianos (CURY, 2007).

Para perceber a satisfação dos professores pesquisados com o ambiente de trabalho, foram colocados oito itens no questionário. Os professores mostram-se satisfeitos com o ambiente e os equipamentos disponibilizados pela escola. Inclusive, em nossas observações do espaço escolar foi possível constatar que, de fato, a escola é ampla, limpa e organizada. Os professores dispõem de sala climatizada, com internet *wi-fi*, computadores, impressoras, máquinas copiadoras, água e café. Mas, vale sublinhar que não consorciaram essas condições à valorização da profissão.

Os professores situaram a escola como um espaço agradável, onde se sentem aceitos por seus colegas. Foi apontada também a existência de um horário específico para o planejamento de atividades. Uma vez por semana, cada um deles, conforme um cronograma montado pela gestão dispõe de dois turnos para estarem na escola fora da sala de aula. Nesses turnos, eles podem estudar, planejar e realizar as atividades necessárias para o exercício da docência. Esse é um direito importante que a LDBEN 9394/96 assegurou, mas que infelizmente no país ainda não é cumprido integralmente. Como já revelaram os estudos sobre *burnout*, dentre eles o de (LEVY e SOBRINHO, 2010). o tempo para que o professor possa planejar e avaliar a prática é um elemento importante na sua satisfação com o trabalho, e, conseqüentemente, na melhoria de sua saúde mental.

Outro aspecto investigado foi acerca da relação da escola com a comunidade. Afinal, a instituição está situada em um entorno de periferia, na qual as condições de vida trazem muitos desafios como violência, falta de saneamento, etc. Ter uma boa interação com a comunidade fortalece a escola, que pode contar com a colaboração de todos no enfrentamento das questões que vivencia. Nessa escola, a maioria dos professores concordou que há disponibilização do acesso para a comunidade e que a convivência é saudável.

Docência e políticas públicas

Entendemos que a política educacional resulta em um conjunto de intenções expressas em documentos e ações pelos governos nos diferentes âmbitos, os quais incidem diretamente sobre o chão da escola e os sujeitos que a compõem (VIEIRA, 2008). Por conseguinte, embasados na Psicologia Histórico-Cultural, não há como pensar a pessoa do professor, dissociada do contexto maior no qual se insere o seu trabalho. Nessa direção, foram colocados quatro itens no questionário, especificamente sobre essa temática.

Os resultados expressaram que a grande maioria, vinte professores, não se sente assistida pelas atuais políticas públicas da educação. Contudo, nos chamou a atenção o fato de dez professores concordarem que as políticas públicas não interferem no seu trabalho. Pensamos que é relevante para os docentes se apropriarem de forma crítica dos contextos nos quais se inserem sua profissão e nos elementos que incidem sobre ela. Afinal, o fortalecimento como categoria alavanca a luta por melhores condições não apenas para a docência, mas para a educação, em geral.

Coerente com os resultados do item anterior, os professores não se sentem devidamente recompensados para lecionar. Essa insatisfação é expressa especialmente quanto ao salário e aos incentivos profissionais para formação e ascensão na carreira. A luta dos profissionais da Educação no Brasil por melhores salários e condições de trabalho vem de longa data. Mesmo reconhecendo que a partir dos anos 1990, com as constantes reformas educacionais, muito se avançou com relação à valorização do magistério, ainda há muito por ser feito nesse sentido. Farias (2014) ao falar sobre o sofrimento psíquico dos professores traz como mediadora a crônica subjetivista de Clarice Lispector (1992) que diz:

(...) Eu estou precisando desse sonho. Aliás, eu não queria mais escrever. Escrevo agora porque estou precisando de dinheiro. Eu queria ficar calada. Há coisas que nunca escrevi, e morrerei sem tê-las escrito. Essas por dinheiro nenhum. Há um grande silêncio dentro de mim. E esse silêncio tem sido a fonte de minhas palavras. E do silêncio tem vindo o que é mais precioso que tudo: o próprio silêncio.”

A cronista acaba sempre tentando se justificar pela dedicação a esta necessidade incômoda da sobrevivência financeira. No caso do professor também os baixos salários levam a necessidade, muitas vezes, de três turnos de trabalho. Mas, ao docente falta tempo para o silêncio, para o olhar dentro de si, o dar-se conta de sua subjetividade.

No âmbito das políticas, incluímos também a discussão sobre a formação docente. Um dado a ser considerado é que sobre a existência de formação continuada na escola, não houve opinião majoritária sobre isso. Assim, uns nem concordavam e nem discordavam, outros concordaram totalmente que havia a formação e outros discordaram totalmente sobre o tema. Levantamos a hipótese de um possível desconhecimento dos professores sobre o que se trata de formação continuada. Muitas vezes, esse termo polissêmico é equiparado apenas a eventos como seminários, cursos e oficinas realizados fora da escola. Desse modo, os professores não costumam incluir como formação continuada os grupos de estudos realizados na escola, as reflexões em grupo nos planejamentos, a troca de experiência com os colegas, etc.

As condições de saúde na docência

Embora os dois subitens anteriores também nos revelem sobre o bem-estar dos professores, na medida em que retratam elementos do seu contexto, elaboramos algumas perguntas do questionário mais voltadas para as condições de saúde dos pesquisados. Foram propostos oito itens.

Dos 26 professores pesquisados, seis disseram ter problemas de saúde como pressão alta, enxaqueca e desses, três tomam remédios controlados. Seis docentes apresentam insônia, oito afirmaram estarem muito irritados e oito disseram que choram com facilidade, ultimamente.

Chamou-nos a atenção o fato de que menos da metade, onze professores, disseram ter uma boa qualidade de vida. Desses, oito professores praticam atividades físicas.

Esses dados referentes à saúde condizem com as discussões recentes sobre o tema do sofrimento psíquico dos professores. Embora essa pesquisa de natureza

qualitativa não possa trazer generalizações, parece relevante o fato de que cerca de 30% dos pesquisados apresentam problemas de saúde e que cerca de 40% emocionalmente estão irritados ou com predisposição ao choro fácil. Também observamos a contradição com o tem no qual se dizem muito satisfeitos com o trabalho e com a escola. Em uma segunda etapa da pesquisa, pretendemos aprofundar com entrevistas e grupos formativos, essa questão.

É desejável ampliar discussões sobre como apoiar aos professores nessa temática. Afinal, a aprendizagem envolve não apenas aspectos cognitivos, mas também afetivos (TOASSA, 2011). A escola como lugar precípuo de interação, demanda olhar atentamente para os sujeitos que integram tal instituição.

Abordando a saúde mental não poderíamos deixar de investigar a visão dos professores sobre os aspectos estressores presentes na escola. Nesse sentido, foram integrados onze itens no questionário. Dos 26 professores entrevistados, dezesseis colocaram a violência como uma preocupação dentro da escola e oito disseram que há desgaste emocional ao entrar no ambiente escolar. Mais uma vez vemos que a escola é pontuada como *locus* de sofrimento psíquico. Mas, acreditamos que pode ser espaço de promoção de saúde.

Quatorze professores explicitou a falta de tempo como algo que traz estresse. Dez deles disseram se sentirem ansiosos na execução das atividades docentes. Mas, para dezoito professores é a indisciplina dos alunos o que mais afeta os seus trabalhos e onze disseram sentir-se prejudicados com o contexto social da escola. Em pesquisa anterior realizada em escola pública, os alunos de ensino médio também destacaram a relação com os professores como um dos fatores mais estressores do ambiente escolar.

Quanto às condições de vida foram incluídos três itens no questionário. Sete professores concordaram que moram longe do trabalho. Mas, a maioria, dezessete professores não se utiliza de transportes públicos para chegar à escola. Em geral, eles possuem automóveis ou vão de carona com os colegas. Apenas dois professores disseram realizar outra atividade remunerada além da docência.

Tendo o intuito de investigar questões com foco na pessoa do professor, interessou-nos incluir a visão dos sujeitos sobre a Psicologia Escolar. Afinal, a luta pelo psicólogo na escola pública no país já vem há vários anos e segue como Projeto de Lei tramitando no congresso nacional. Sobre o tema, apenas doze professores disseram

conhecer a função de um psicólogo escolar. Todavia, vinte e um disseram que um psicólogo escolar ajudaria muito em seus trabalhos. Isso é condizente com as dificuldades manifestadas por eles que, em geral, se refere às interações e aos aspectos emocionais.

Considerações finais

Dentre muitas profissões, a de ser professor está entre as que mais sofrem exigências pela nossa sociedade. De fato, os educadores têm um papel fundamental com a responsabilidade de ensinar e oferecer uma formação intelectual e cidadã na vida de cada aluno. Para ocupar esse lugar, se espera desse profissional uma qualificação adequada e diversas competências para atuar no universo escolar. Na pesquisa desenvolvida percebemos que os professores em geral são satisfeitos com o seu trabalho e com a gestão, porém não se sentem reconhecidos nem assistidos pelas atuais políticas públicas.

Acreditamos que a alta satisfação em relação à docência ocorre devido ao ambiente de trabalho coordenado por uma gestão que preza o conforto e bem estar. Um ambiente de trabalho limpo, amplo e disponível de recursos. Apesar disso, percebemos que aproximadamente metade dos professores não considera ter uma boa qualidade de vida e grande parte relata apresentar problemas emocionais. A indisciplina, a relação com os alunos e o contexto social da escola são aspectos lembrados como eventos estressores.

Percebemos que quase todos os professores acreditam que o trabalho do psicólogo é muito importante para elaborar de suas tarefas, porém relatam desconhecer a função do psicólogo escolar. Isso pode ocorrer devido a não inclusão desse profissional no cenário das escolas públicas. Esse fato reafirma as pesquisas de Dimenstein (1998); Spink (1992) ao apontarem que a abrangência de intervenção no campo da saúde relacionada à educação não é contemplada na prática dos psicólogos. Segundo Traverzo (2009) é fundamental considerar os aspectos sociais, psicológicos e ecológicos como mediadores dos processos saúde-doença assim como o envolvimento dos psicólogos na reconstrução dos processos de significação relacionados com a saúde-doença e com a formação profissional.

Trazemos a formação continuada como alternativa as problemáticas que surgiram. “Ela estimula a capacidade de compreensão dos professores em relação às mudanças que estão enfrentando” (HARGREAVES, 2002). A formação continuada é, por conseguinte, uma importante ferramenta para cuidar e compreender os professores que estão cada vez mais expostos ao esgotamento físico e mental. Contudo, para que ela surja como medida efetiva deve ser planejada de forma eficaz, buscando ouvir e considerar a demanda dos professores. Para que isso ocorra é imprescindível que os formadores recebam um aparato formativo eficaz.

Acreditamos na importância da inserção do psicólogo nas Escolas Públicas de Fortaleza e na definição de Políticas Públicas que se mostrem efetivas, e sejam construídas de forma conjunta com a sociedade. O docente tem importante papel nessa questão. Sendo assim, ouvir o que ele tem a dizer sobre elementos provocadores de estresse e de sofrimento psíquico na escola, sobre sua prática docente e os sentidos a ela atribuídos, sobre como ele percebe a relação com seus alunos é um caminho profícuo para construir e fortalecer a escola como instituição para pensar e promover a saúde mental.

Para Vigotski (2002) não há desenvolvimento sem conflito, sem crise, sem angústia, sem reposicionamento diante da vida. No entanto, o conflito, a angústia se não forem trabalhados paralisam quando poderiam se tornar em fonte de mobilização. A fixação no conflito, na crise, gera o adoecimento físico e psíquico. O adoecimento na perspectiva histórico-cultural é a incapacidade de livrar-se de um estado de paralisia e produzir novas coisas, novos sentidos. Sentidos que se encontram intrinsecamente articulados uns aos outros. Adoecido, o professor se percebe impotente e sem rumo, solitário. Como artesão do saber ele precisa de espaço para se expressar e para, em interação, buscar alternativas aos dilemas cotidianos. Dessa forma ele irá tecendo o seu dia a dia produzindo novos sentidos e significados sobre o ensino e a aprendizagem.

Referências

BOGDAN, R. e BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em Educação**: fundamentos, métodos e técnicas. In: *Investigação qualitativa em educação*. Portugal, Porto Editora, 1994.

CIPRIANO, M. H. **Afetividade na relação professor e aluno**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2011, 120p.

CODO, Wanderley. **Educação, carinho e trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2005.

CURI, C. R. J. A gestão democrática na escola e o direito à educação. **RBPAE**. v.23, n.3, p. 483-495, set./dez. 2007

DIMENSTEIN, M.D.B. **O psicólogo nas unidades básicas de saúde: desafios para a formação e atuação profissionais**. Estudos de Psicologia, 3 (1), 53-81, 1998.

FACCI, M. **Valorização ou esvaziamento do trabalho do professor**. Campinas: Autores Associados, 2004.

FARIAS, A. P. **O professor como personagem na educação: um mergulho nas crônicas de Clarice Lispector**. 2014, 89p. Dissertação (Mestrado em Educação). Fortaleza. Universidade Estadual do Ceará, 2014.

HARGREAVES, A. **Profesorado, cultura y postmodernidad: cambian los tiempos, cambia el profesorado**. Madri: Morata, 1996

LEVY, G. C. e SOBRINHO, F. P. N. (Orgs.) **O A síndrome de *burnout* em professores do ensino regular**. Pesquisas, reflexões, enfrentamentos. Rio de Janeiro: editora cognitiva, 2010.

LISPECTOR, C. **A descoberta do mundo**. 3ªed. Rio de Janeiro, Francisco Alves Editora, 1992.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento- pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec/Abrasco, 1998.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Diretrizes para implantação do programa saúde e prevenção nas escolas**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

NUNES, A. I. B. L. **A formação continuada de professores-entre discursos e práticas**. Tese de Doutorado. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 2004.

RABELO, A. O. “Eu gosto de ser professor e gosto de crianças” – A escolha profissional dos homens pela docência na escola primária. **Revista Lusófona de Educação**, n. 15, p. 163-173, 2010.

SANCHEZ, S. **Fundamentos para la investigacion: Presupuestos epistemológicos que orientan al investigador**. Bh5ogotá: Editorial Magistèrio, 2003.

SPINK, Mary J. P. e FREZZA, Rose M. **Práticas discursivas e produção de sentidos: a perspectiva da Psicologia Social.** In: SPINK, Mary Jane (Org.). Práticas discursivas e produção de sentidos no campo – aproximações teóricas e metodológicas. São Paulo: Cortez Editora, 1999. p. 17-39.

TRAVERSO-YEPEZ, M. **A interface psicologia social e saúde: perspectivas e desafios.** Psicologia. Maringá, v. 6, n. 2, Dec. 2001. <<http://www.scielo.br/scielo.php.script>. Acessado em julho de 2014.

TOASSA, G. **Emoções e vivências em Vigotski.** Campinas, Papirus, 2011.

VIEIRA, S. L. **Educação Básica.** Política e gestão da escola. Brasília, Líber livro, 2008.

VYGOTSKI, L.S. **Desenvolvimento psicológico na infância.** São Paulo, Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKI, L.S. **Psicologia da Arte.** São Paulo, Martins Fontes, 2002.

VIGOTSKI, L.S. **Obras Escogidas.** V. III. Madrid: Alcaya, 2001.